
Escorrendo o Céu pela Canela

Ariana Nuala | Recife - PE

Eu vi na praia algumas crianças brincando de ficar de ponta cabeça, pé para o céu, *orí* bem próximo à areia; a única distância eram janelas feitas pelos braços que nos levavam para o mar.

Eles, imagino, em uma brincadeira – da qual sempre tive medo – provaram um pouco a força daquela paisagem, ativando suas respirações, aquele equilíbrio se tornou possível. E, em um movimento que desloca sangue e água, puderam ver o oceano tenso sobre o céu, assim como seus pés avistaram um vento que testava o tempo deles naquela posição, cada um em seu próprio espiral.

Os rastros.

Ouvindo a mim mesma quando criança, peço licença ao rememorar vestígios de uma temporalidade não disciplinada, portanto, impossível de ser capturada ou linear.

A iludida escassez.

Não poderia começar a escrever sobre *Escorrendo Céu pela Canela* sem voltar a uma Ariana de 6, 7, 8, 9 anos. Fui, assim como qualquer criatura que nasceu nos anos 90, embebida por imagens e narrativas de fantasias que hoje considero distrativas. Seus conteúdos, que me agitavam com picos de euforia em parceria com o açúcar, hipnotizavam meus olhos com epopeias sacralizadas em fábulas que encenavam entre uma ancestralidade cristã, um neoclassicismo baseado em heróis greco-romanos e – os que eu mais gostava – o paganismo celta. Literalmente me lambuzei com cavaleiros, magos, bruxas, druidas, feiticeiros. Tudo isso não seria uma questão, se não fosse pela quantidade exacerbada dessas imagens, quase um mundo sem escapatória.

Aos 20 anos, me enganei pensando que tinha encontrado meu tempo numa imagem em movimento que descobri em um chat de um fórum online de cinema, o download de um *torrent* foi o bastante para me levar para Khon Kaen (Tailândia). Tão longe mas tão perto, tinha na mata, nos mistérios e principalmente nos diálogos silenciosos que costuravam todas as cenas, um traço de memórias que ziguezagueavam em um tom complexo entre vida e morte. Para mim, as narrativas criadas por Apichatpong se revelavam enquanto acúmulos temporais, 01 (uma) personagem eram 1000 (mil) e 1000 (mil) personagens era apenas 01 (uma) senhora que caminhava com sua bengala. Havia uma chave que me fascinava, mas ainda não conseguia dizer por que aquilo também estava em mim.

Dorinha, neta de Mestra Maria do Acais e de Mestra Cassimira – grandes forças na Jurema de Alhandra – relatou para Sandro Guimarães Salles como Mestra Cassimira reagia ao cinema, ela “saía doidinha do cinema, que não aguentava. Ela disse que parecia que ia começando a entrar no Encanto, e aí ela não assistia.”¹

Com Cemitério do Esplendor, Tio Boonmee ou Mal dos Trópicos, eu definitivamente não estava nem perto do Encanto o qual Dorinha relatava, mas sentia fagulhas de uma existência que me permitiu enxergar a vida nas “Coisas”, abria espaço para um choro que vinha de muito longe e se expandia. Enquanto relutava em enxergar as manifestações que aconteciam embaixo do meu nariz, na pisada de cada caminhada com minha avó, vi o céu e a terra em algo que é mais do que um filme.

1 - Pra chegar nos Encantos, a pessoa tem que ser muito forte. Se não for forte, a pessoa não aguenta chegar... Não é todo mundo que chega... [...] eu nunca fui não, quem já foi foi minha avó Cassimira... [...] ela disse que é a coisa mais linda do mundo. É um mundo tão diferente! Os trabalhos que ela trabalhava, aí, leva ela pro Encanto. [...] ela não podia nem assistir cinema, que quando começava a aparecer aquelas coisas ela não aguentava e saía. (Trecho encontrado no livro **À sombra da Jurema encantada: mestres juremeiros na umbanda de Alhandra** de Sandro Guimarães Salles, Editora Universitária UFPE, 2010).

Em alguns momentos de pausa, ainda em uma corrida sem fim, observamos uma menina que é guiada por uma luminosidade, um corpo-prisma que a leva para dentro de uma mata. Seus pés reencontram entidades que vivem na terra, onde alguém sussurra: *você precisa colocar o ouvido no chão*. A menina promete, entendendo o recado, que não vai revelar seus segredos.

O chamado dos pássaros não se encontra mais no céu, a sua potencialidade de canto atravessa a seiva da árvore alimentando suas raízes e roncando a terra. Em 2020, quando todos os cantos pareciam trabalhar incansavelmente por causa da pandemia do covid, biarritzzz junto a Anti Ribeiro, Letícia Barros, Libra, Ayla Alencar e Felipe Sampaio foram à Mata do Catucá, nas proximidades de Aldeia em Camaragibe (PE), percorrer um sonho desperto.

Inicialmente composto por biarritzzz e também musicado por Henrique Falcão, a poesia² nos evoca em timbres eletrônicos a possibilidade de caminhar entre mundos.

Falar aqui sobre o encanto do *fazer*, atravessar um sonho sem ser por uma noção de fragmento temporal entre o dia e a noite, mas, sim, da reativação deste *presente* (sonho) enquanto ato de reencontro com nossos ancestrais.

Também enquanto lugar de passagem, muito além da própria chave monetária que ele articula para tantos artistas, o vídeo vira comida e plantação. Como motim coletivo de escuta entre histórias, não há espaço para apenas uma autoria, mas, sim, uma necessidade de criação comunitária.

2 - Todas as letras podem ser encontradas no site da Pivô Arte e Pesquisa no programa Pivô Satélite junto ao álbum sonoro-visual web-specific EU NÃO SOU AFROFUTURISTA curado por Diane Lima e também no site da AIR Gallery na exposição The Scalability Project: Cacophony of Troubled Stories. <https://www.pivo.org.br/satelite/biarritzzz-eu-nao-sou-afroturista/>

Não se entra na mata só, sempre estamos acompanhados.

Ver em sonho. As divindades não moram apenas no céu, como nos diz o imaginário cristão ocidental, mas se revelam em toda queda de uma estrela, segurando o céu em todas as partes para que a terra ainda seja um lugar de nascimento.

Com tantas visões enquanto criança, em toda expertise no não entender a agilidade da cidade, mas com a dimensão de olhar e guardar cada detalhe, eu sorria enquanto via águas, em gestos muito simples, brilhando nos filmes de Hayao Miyazaki; e, hoje, eu ri ao ver esse brilho na mata em *Escorrendo o céu pela canela*, muito mais próximo da terra onde piso.